



Poços de Caldas

5º Congresso Nacional de Educação

09- 10 de Junho 2021 | 100%On-line



INSTITUTO FEDERAL

Sul de Minas Gerais

Campus Poços de Caldas

MANDUME: O USO DO RAP EM SALA DE AULA

Eixo Temático: Currículo, Metodologia e Práticas de Ensino Educação e Diversidade
Forma de Apresentação: Relato de Vivência

Laura Rodrigues Paim Pamplona¹
Antônia Aparecida Souza de Oliveira²

RESUMO

Este trabalho é um relato de vivência da prática em se trabalhar sobre conceitos étnico-raciais, feminismo, feminismo negro e história da África por meio da análise da letra e do vídeo clipe da música Mandume, de autoria do *rapper* Emicida. Com tal prática foi possível trabalhar conceitos e conteúdo de História, na mesma medida proporcionar mais ferramentas pedagógicas, além de trazer a cultura *rapper* para sala de aula, proporcionando o debate sobre a diversidade cultural nacional.

Palavras-chave: Rap, Música, História da Cultura afro-brasileira

1 INTRODUÇÃO

Quando em 2003 e, posteriormente alterada em 2008, foi sancionada a lei 10.639, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, tornando obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira, a história africana e a participação dos negros na história nacional, trazia também o desafio dos professores de História, ancorados que estavam por anos em uma historiografia eurocêntrica, em ensinar e promover o debate sobre a diversidade étnico-racial e a história da África. No entanto, muitos desafios foram superados, os programas de ensino das universidades foram adequados, mas alguns obstáculos continuam sendo reais, inclusive obstáculos atitudinais com relação à cultura do outro, à cultura pop.

Desta forma, este artigo tem a proposta de demonstrar uma prática pedagógica desenvolvida com licenciandos, futuros docentes, para se trabalhar a diversidade e temas transversais em sala de aula. Atendendo a proposta da ementa da disciplina, foi apresentado a possibilidade de se trabalhar conteúdos através da letra e do vídeo clipe da música Mandume, do *rapper* Emicida, publicada em 2016. A ideia derivava de uma perspectiva de aproximação da cultura e também valorização da cultura hip hop, ao mesmo tempo que trabalhar conceitos como feminismo, transexualidade, além da história da África. Ademais, cabe destacar que, conforme Ricardo Teperman (2015) argumenta o *rap* foi um estilo que teve a sua gênese socialmente e racialmente marcado.

¹Mestranda e técnica administrativo educacional UNIFAL/IFSULDEMINAS –
laura.pamplona@muz.ifsuldeminas.edu.br

²Graduanda de Pedagogia IFSULDEMINAS - antonia.oliveira@muz.ifsuldeminas.edu.br



Poços de Caldas

5º Congresso Nacional de Educação

09- 10 de Junho 2021 | 100%On-line

2

MATERIAL E MÉTODOS.



INSTITUTO FEDERAL

Sul de Minas Gerais

Campus Poços de Caldas

Para a viabilidade desta dinâmica, foram utilizados aparelho de som, com caixa, data show, para exibição do vídeo clipe. A utilização destes materiais foi para possibilitar a visualização e apresentar a música para todos os estudantes matriculados.

Além destes materiais, foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre a importância de se trabalhar com arte e música em sala de aula, além de trazer literaturas acadêmicas para ancorarmos em nossa análise imagéticas do vídeo clipe.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi em consonância com Stuart Hall (2003) que, defende que a produção musical é uma importante produção cultural, manifestando-se e construindo-se politicamente em suas práticas, que se compreendeu a importância desta dinâmica em sala de aula. Na mesma medida, Laraia (2001) argumenta que a cultura “é o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura”. (p.68). Além disso, entendemos que a utilização de uma produção musical, de um estilo tão inferiorizado seja pela popularização, seja pelo racismo que ao hip hop é imposto, é uma forma de irmos de encontro ao racismo, como forma de valorização do estético negro.

Neste sentido, em um primeiro momento, apresentamos o vídeo clipe, lançado em 2016 para que todos os estudantes pudessem conhecer. Ao longo da música, diversos *rappers* apresentam versos isoladamente. Sendo que é possível observar diversas referências conceituais no vídeo clipe, como: somente pessoas negras atuam no clipe; em uma cena, aparece uma banca de jornal, onde somente pessoas brancas estão nas capas das revistas, e um casal negro começa a substituir por personalidades negras, como Elza Soares, e a propaganda do curta metragem Cores e Botas (2010); outras referências são observadas em som de atabaques, uma mulher trans negra, e nas camisetas das personagens do clipe aparecem mensagens como: “Ubuntu”, “I love Quebradas”, “#musa”, “Lab” (Laboratório fantasma – empresa do Emicida).

Destacamos que em sala de aula, foi trabalhado o vídeo clipe produzido em 2016, e não o clipe do show de dez anos. Tal escolha foi feita considerando a possibilidade de análise semiótica do clipe, proporcionando maior debate.

Após a exposição do vídeo clipe, foi feita a apresentação da letra, com algumas palavras em negrito. Na sequência, cada palavra em destaque era explicada, como as palavras assinaladas acima. Colocar determinadas em destaque teve como objetivo sinalizar conceitos e referências na letra que possibilitaria a aprendizagem da história da África e também da cultura negra.

Mas, mano, sem **identidade** somos **objeto da história**
Que **endeusa herói e forja**, **esconde os retos na história**
Apropriação há eras, desses tá repleto na história
Mas nem por isso que eu defeco na escória
Pensa que eu num vi?
Eu senti a herança de **Sundi**
Ata, não morro incomum e
Pra variar, herdeiro de **Zumbi**
Segura o boom, fi



Poços de Caldas

5º Congresso Nacional de Educação

09- 10 de Junho 2021 | 100%On-line

É um e dois e



INSTITUTO FEDERAL

Sul de Minas Gerais

Campus Poços de Caldas

três e quatro, não importa,

já que querem eu cego

Eu tô pra ver um daqui sucumbir (não)

Pela honra vinha **Mandume**: Tira a mão da minha mãe

Farejam medo? Vão ter que ter mais faro

(...)

Canta pra saldar, negô, seu rei chegou

Sim, Alaafin, vim de **Oyó, Xangô**

Daqui de Mali, pra Cuando, de **Yorubá**ao banto

Não temos papa, nem na língua ou em escrita sagrada

Não, não na minha gestão, chapa

Abaixa sua lança-faca, espingarda faiada

Meia-volta na barca, **Europa se prostra**

Sem ideia torta, no rap, eu vou na frente da tropa

É, sem eucaristia no meu cântico

Me veem na Bahia em pé, dão ré no Atlântico

Tentar nos derrubar é secular

Hoje, chegam pelas avenidas, mas já vieram pelo mar

Oya, todos temos a bússola de um bom lugar

Uns **apontam pra Lisboa**, eu busco **Omongwa**

Se a mente daqui pra frente é inimiga

O coração diz que não está errado, então, siga

(EMICIDA, 2016. *Grifos nossos*)

Finalizada a apresentação de cada estrofe, partiu-se para o debate de conceitos como **“identidade somos objeto da História”**. Para tal conceito, trazemos a contribuição e Nilma Lino Gomes (2003) que argumenta que “A identidade negra é entendida como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. (p. 171)

Trouxemos para o debate ainda expressões como **“apontam pra Lisboa, eu busco Omongwa”** como uma referência a historiografia eurocêntrica, onde a busca por fontes e se fazer uma História da África foram muitas vezes silenciadas, com o discurso de não se ter escritos. Não obstante, destacamos a importância de se trabalhar acontecimentos como Omongwa, que conta sobre a batalha em que o rei Mandume (que leva o título da música) venceu os portugueses no início do século XIX

Após o debate dos conceitos trabalhados, reapresentamos o vídeo-clipe. Observando que as percepções áudio visuais dos estudantes se modificaram, compreendendo e despertando-os para novas possibilidades. Com tal prática, sinalizamos aos nossos graduandos, futuros docentes, a importância de se trabalhar de forma dinâmica e com múltiplas fontes, proporcionando relações passíveis de absorção.

CONCLUSÕES

Com a dinâmica, observamos a importância de trazer conteúdos artísticos e culturais, como o *rap* para se trabalhar conceitos históricos e sociais, afinal, se por identidade compreendermos a construção social, trazer a linguagem do *rap* possibilita aproximá-los e torná-los sujeitos de sua história.

Faz-se urgente o uso de diversas fontes históricas no processo de ensino-aprendizagem, em especial o uso da música popular. Nesta medida, percebemos que o uso de música, em especial do *rap*, não apenas a História e seus conceitos são trabalhados, como trabalhamos a valorização da cultura de um estilo tão marcado socialmente.



Poços de Caldas

5º Congresso Nacional de Educação

09- 10 de Junho 2021 | 100%On-line



INSTITUTO FEDERAL

Sul de Minas Gerais

Campus Poços de Caldas

REFERÊNCIAS

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**. v. 29, n. 1. P. 1620-182. São Paulo, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a12v29n1>. Acesso em dez.2019

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MANDUME. Intérprete: Emicida, Drika Barbosa, Amiri, Rico Dalasam, Muzzike, RaphãoAlaafin. Compositores: Emicida. Disponível em: https://youtu.be/mC_vrzqYfQc
Acesso em: fev. 2021

TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no son: as transformações do rap no Brasil**. São Paulo: Claro enigma, 2015.